











2.821-06

# Gil Vicente e Evora

POR

A. F. B.



1902

Minerva Commercial  
EVORA



670

# Gil Vicente e Evora

POR

ANTÓNIO FRANCISCO

A. F. B.



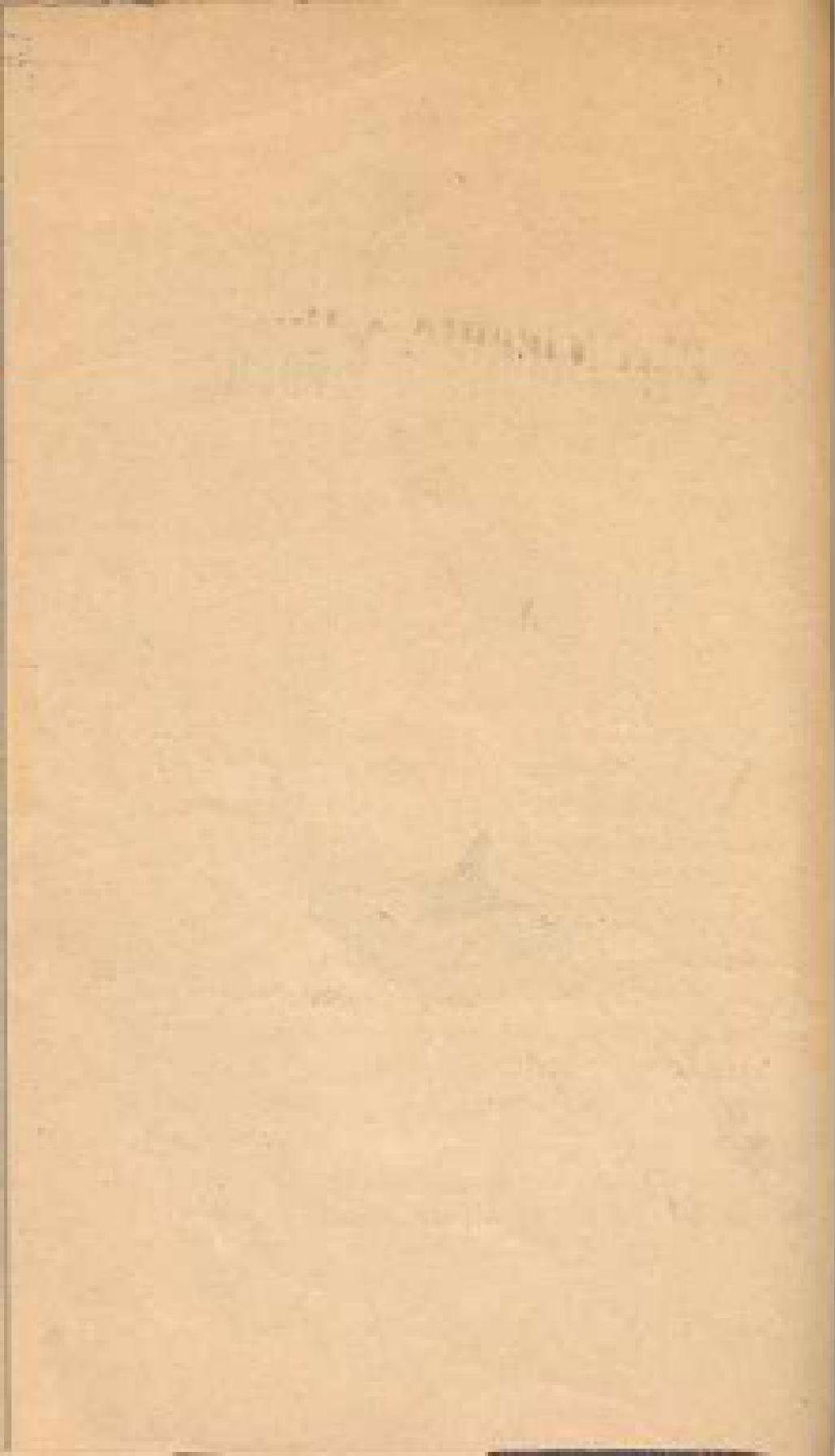
BIBLIOTECA PÚBLICA DE EVORA  
REG. A FL. 38 DO LIV. 1



~~p. #888~~  
p. G. 049



1902  
Minerva Commercial  
EVORA



## GIL VICENTE E EVORA

---

**V**<sup>AE</sup> Portugal commemorar uma data da vida de Gil Vicente, a dos primeiros ensaios dramaticos.

Não ha, talvez, tirante Luiz de Camões quem mais do que Gil Vicente haja sido objecto de estudos biographicos.

Têm os homonymos causado embarços grandes, e não sei, não sei se ainda os causam, como tem succedido em Évora com Garcia de Resende na coetaneidade de nomes.

Seja como fôr: o paiz vae lembrar o nome do *Plauto Portuguez*, e bem faz 'nisso:

já que o não fizeram os passados, lembremos nós o nome e obras litterarias do notavel poeta, contemporaneo de Camões, e se não mestre da lingua portugueza, guardador de grande numero de phrases antigas de genuino sabor nacional, embora muitas d'ellas viessem do visinho reino, que comnosco as empregava, ou nós com elles, os castelhanos.

Côrte de reis, Evora teve em si ao poeta durante aproximados quinze annos, como nos ensina a segunda edição de suas obras, de 1586, existente na Bibliotheca de Evora, alterada, castrada de alguns *Autos* pela censura fradesca. (1)

---

(1) Segundo o parecer do sr. Visconde Sanches de Baena Gil Vicente enviuvou em Evora por 1532 ou 1533. Sepultada no convento de S. Francisco, indicava-lhe o logar á esposa este epitaphio :

AQUI JAZ A MUI PRUDENTE  
SENHORA BRANCA BECERRA  
MULHER DE GIL VICENTE  
FEITA TERRA.

Em 1540 morreu o poeta na sua Quinta do Mosteiro, junto a Torres Vedras, com 65 annos de idade, e por determinação d'elle foram seus ossos trasladados para junto da esposa, em S. Francisco, onde ficaram com esta letra, hoje perdida, como a da campa della :

O GRÃO JUIZO ESPERANDO  
JAZO AQUI NESTA MORADA  
DESTA VIDA TÃO CANÇADA  
DESCANÇANDO.

Dá-se 'nesta edição uma nova bibliographica: a de que houve uma edição de Coimbra, em folio, no anno de 1562, que existira na livraria dos Oratorianos de Estremoz.

Por letra de alguém, que cotejou a primeira edição com a segunda, e lhe fez annotações, se lê a novidade.

É caso para estudo; porque no exemplar da Bibliotheca apenas se vê o livro I impresso em Coimbra, sendo os mais do volume impressos em Lisboa.

Contrista ver esta segunda edição! Faz lastima notar aquelle *Auto de fé* feito ás folhas de um livro!

Deixemos essa manifestação da insensatez humana, e levemos á commemoração alguma cousa, ainda que minguada, que se conserva 'num codice da Bibliotheca de Évora, o  $\frac{\text{CXIV}}{1-41}$  a fl. 62 e seguinte.

É uma glosa sobre o epitaphio do poeta conhecido, que não sabemos haver sido dada á estampa; mas que tem o legitimo sabor quinhentista, não obstante o revelar vulgar engenho no glosador.

Letra de um caixeiro de 1531, ao que parece, Belchior Lopes, tem orthographia in-

certa, e a singularidade de dar ao V cortado leituras diversas, que não lembramos ter encontrado, como a de L e de G.

Chamámos á forma graphica da actualidade a antiga, sem lhe tirar o sabor classico e archaico do tempo.

TITULO QUE POZ HUM HOMEM SOBRE  
SUA SEPULTURA

«Pergunta-me quem fui eu ?  
Attenta bem pera mi ;  
Porque tal fui comati,  
E tal has de ser comeu.  
E pois tudo a isto vem,  
Ó leitor de meu conselho,  
Toma-me por teu espelho,  
Olha-me e olha-te bem.»

GIL VICENTE

Queres saber a verdade  
Deste mundo em que andas ?  
Quanto podes valer mandas ;  
Ter riqueza, dinidade  
Tudo isto é vaidade,  
E não tens nada de teu !  
Pergunta-me quem fui eu.

Fôsse creado em serra  
Ou do mundo mandei parte ;  
Vivesse per alguma arte  
Ou exercicio de guerra,  
Vez-me aqui já feito terra,  
E tu has de ser assi ;  
Attenta bem pera mi.

Vão, soberbo, mui inchado  
Andas cheio de medrança :  
Olha que está em balança  
Teu poder, valor e estado ;  
Á vida desacordado  
Não caias onde eu caí ;  
Porque tal fui comati.

Eu tambem fui caminhante  
Pe'lo mundo donde vás,  
Deixava a rezão a trás  
E a vontade ia á vontade ;  
E pois tudo 'num instante  
A terra tornou aó seu,  
E tu has de ser comeu.

Olha nos antepassados  
O que ha de ser no presente :  
Contente e descontente,  
Com estados, sem estados,  
Dos que mandam e são mandados,  
Dos que têm e que não têm,  
Pois que tudo a isto vem.

Lembra-te d'aquella gloria  
Pois nasceste pera ella,  
E não te embaraces ca  
'Nesta vida transitoria :  
Tem-me sempre na memoria  
Leia pobre e moço e velho,  
O' leitor de meu conselho.

Não vês como está mudada  
Do que foi esta figura,  
Do que jaz na sepultura ?  
Será podre, feito nada !  
Fuge da vida cançada,  
Não te tardes pera velho,  
Toma-me por teu espelho.

Olha em mi do que nasceste  
E em que has-de ser tornado,  
E verás que é emprestado  
Quanto tu despois houveste :  
Olha em ti o que fizeste,  
Quanto mal e quanto bem,  
Olha-me e olha-te bem.

---

A<sup>HI</sup> fica a composição quinhentista: apreciém-na os mestres, os sabedores.

E por terminar esta homenagem, chame-se-lhe assim, explicaremos um ponto retro tocado: o da vinda e estada em Évora de Gil Vicente, onde, perante a côrte de D. João III, se representaram suas obras dramaticas (<sup>1</sup>). São ellas:

Em 1521 — o Auto das Ciganas.

» 1523 — o Auto pastoril.

---

(<sup>1</sup>) Não conhecemos que Évora tivesse tido theatro publico: se o teve em tempo de romanos, foi varrido da superficie do solo, por modo que nem vestigios deixou. As peças de Gil Vicente deveriam ter sido representadas nos paços reaes de S. Francisco, de que subsiste a *Galleria das Damas*, assim conhecida não sabemos tambem com que fundamento historico, adaptada para o fim especial alguma sala do palacio.

- Em 1525 — a Tragicomedia: Fragoas de amor.
- » 1533 — o Auto do Amadis de Gaula.
- » » — a Comedia: Romagem de aggravados.
- » 1536 — a Comedia: Floresta de enganos. <sup>(3)</sup>

Seja ainda o periodo final d'este brevisimo escripto, outro desenvolvimento de ponto já referido: o da mutilação do livro de Gil Vicente.

A comedia *Rubena* é cortada á tesoura *in totum*, 15 folhas.

O *Auto das Fadas* do mesmo modo tem 5 folhas cortadas.

Uma peça representada em Coimbra, em 1526, tem 5 folhas cortadas.

O *Psalmo Miserere mei Deus* cortado: 5 folhas. Nem este, pelo assumpto, escapou aos tartufos!

---

<sup>(3)</sup> Causa que não sabemos explicar é o como não apparece na edição de 1852 esta comedia *Floresta de enganos*, a ultima que escreveu o poeta. Não ha em Evora a edição de Hamburgo, de 1834; de modo que não a podemos procurar nella.

Ou não foi bem feita a busca ou, de facto, ella não foi inserta na edição referida de 1852.

O *Testamento de Maria Parda* todo cortado a traços de penna.

Feliz foi, ainda assim, Gil Vicente, em o não queimarem a elle, ou, quando menos, em lhe não fazerem o que a um seu contemporaneo, a Damião de Goes.

A. F. B.

NOTA FINAL

Não precisa de glossa a breve composição poetica: entretanto, como nem todos os leitores tem pratica e conhecimento da linguagem antiga, aqui ficarão alguns termos com sua conversão moderna, e leves reparos sobre dois pontos della.

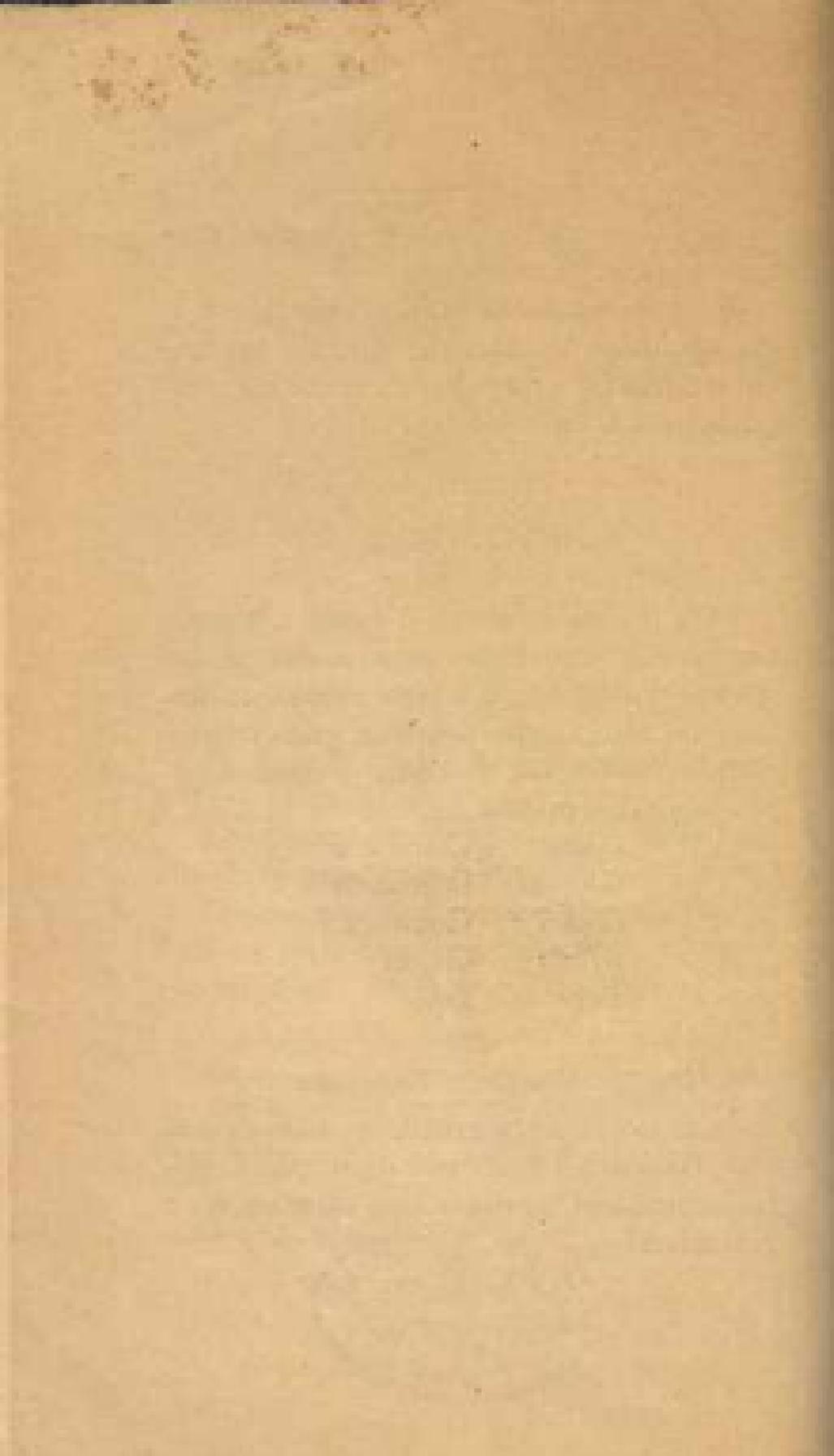
<i>Comati</i>	Como a ti
<i>Dinidade</i>	Dignidade
<i>Comeu</i>	Como eu
<i>Groria</i>	Gloria
<i>Fuge</i>	Foje

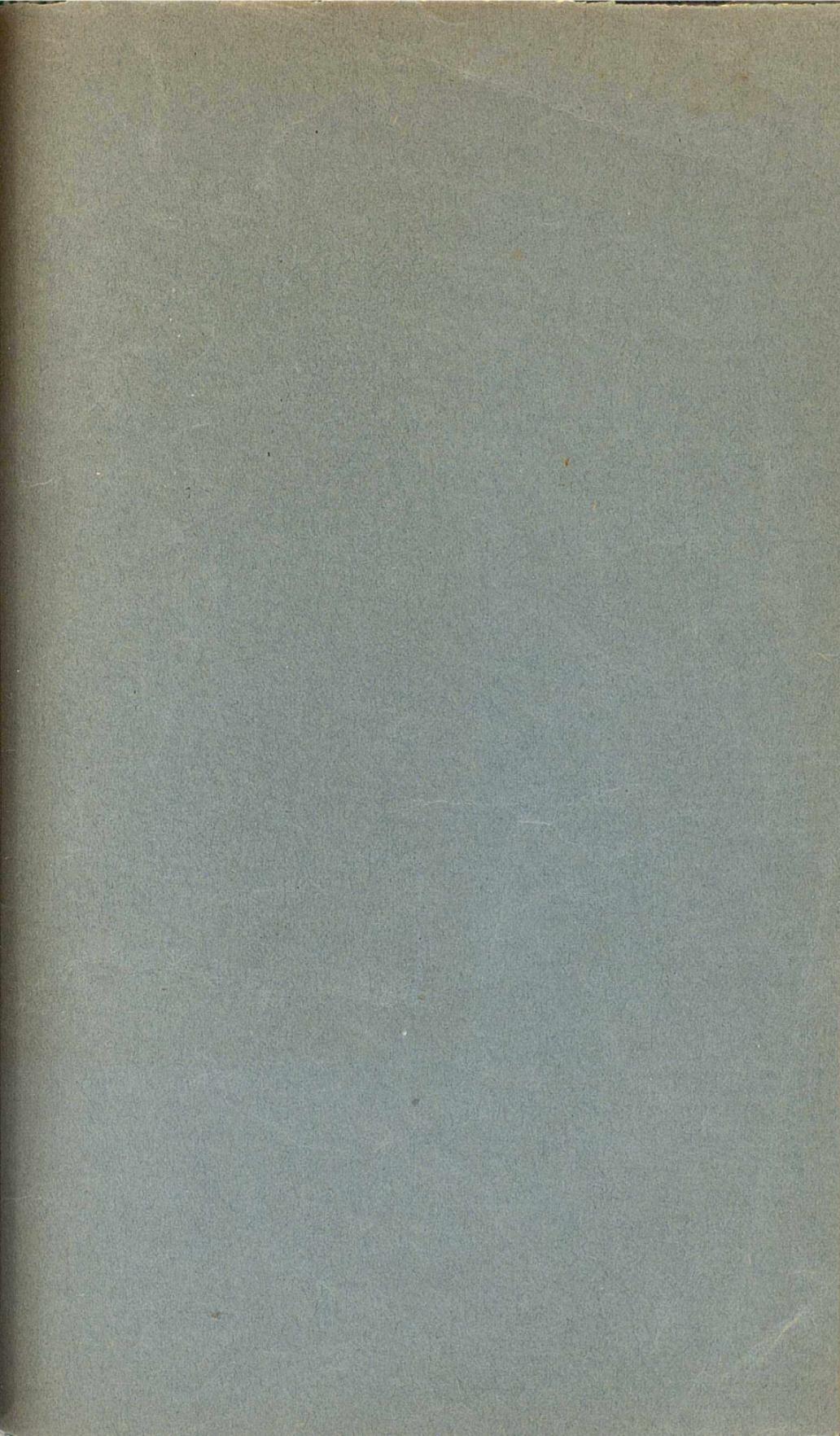
Imperfeito é o verso:

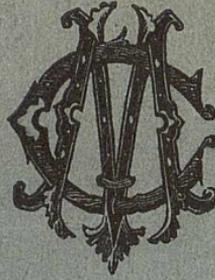
«Dos que mandam e são mandados»

e de uma dureza grande as toantes *ella* e *ca*. Demasiada liberdade, como grande pobreza inculcam as rimas *bem*, substantivo, e *bem* adverbio.



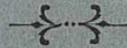






EDITORES

*Ferreira, Irmão & C.<sup>ª</sup>*



Preço 100 réis











